

“UM MOÇO MUITO BRANCO”, DE GUIMARÃES ROSA: ELEMENTOS FANTÁSTICOS E PROPOSTA DE ENSINO

Jussara Ferreira MELO

Fernanda Sylvestre AQUINO (orientadora)
(Universidade Federal de Campina Grande)

INTRODUÇÃO

As recentes discussões sobre o ensino de literatura demonstram que a leitura deve estar pautada na garantia de uma efetiva experiência com o texto, além de fazer com que o aluno desenvolva uma competência literária através da leitura. De acordo com Colomer (2007), “[...] o prazer da leitura se constrói e a competência se desenvolve através da leitura dos livros” (p. 137). Portanto, a literatura deve ser vista como um eixo primordial para o desenvolvimento das competências do indivíduo; conseqüentemente, o sistema educativo deve reconhecer a sua importância para a formação de leitores críticos e autônomos.

A estética da recepção, teoria desenvolvida por Jauss (1979), coloca o leitor, e não simplesmente o texto literário, como objeto de estudo, discutindo o seu papel de interação com o texto. Em outras palavras, essa teoria trata verdadeiramente o leitor como protagonista no ato da leitura, cujas experiências e a própria vivência dos alunos são de fundamental importância na leitura de um texto literário. Segundo Bordini e Aguiar (1993),

Constrói-se, na obra literária, um mundo possível, no qual os objetos e processos nem sempre aparecem totalmente delineados. Esse mundo, portanto, envolve lacunas que são automaticamente preenchidas pelo leitor de acordo com a sua experiência (p. 14-15).

Desta maneira, a estética da recepção viabiliza ao leitor uma experiência de leitura pessoal com o texto literário. Vale ressaltar, nesse contexto, o conceito de *horizonte de expectativas*, que pode permanecer imutável durante uma leitura, ou ser absolutamente rompido e expandido, dependendo da experiência do leitor em determinado momento.

No trabalho em questão, visando oferecer a oportunidade da leitura integral de um texto literário em sala de aula, selecionamos “Um moço muito branco”, de João Guimarães Rosa. A partir do mesmo, verificaremos especialmente a importância dos aspectos cromáticos

que são reproduzidos no texto através da linguagem. Concomitantemente, pretendemos demonstrar características que fazem com que o conto seja considerado um relato fantástico, tais como a verossimilhança e a hesitação. Por fim, ofereceremos uma possibilidade de se trabalhar com o conto de Guimarães Rosa em sala de aula.

ANÁLISE DO CONTO DE GUIMARÃES ROSA: ELEMENTOS CROMÁTICOS, INSÓLITOS E RELIGIOSOS

“Um moço muito branco”, de Guimarães Rosa, faz parte de uma obra que tem como título *Primeiras estórias*, cuja primeira edição data de 1962. No conto em questão, é narrada a história de um jovem que aparece na comarca do Serro Frio, em Minas Gerais, após um evento climático incomum. A partir desse episódio, nota-se uma verdadeira transformação psicológica nos habitantes da cidade.

O fantástico está presente no conto, mas de maneira sutil. Há, como teorizou Todorov (1975), a primeira condição para o fantástico, que é a *hesitação*. Para o autor, nesse gênero haverá sempre duas possibilidades de leitura, duas soluções possíveis para entender o insólito:

Somos assim transportados ao âmago do fantástico. Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquela que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (p. 30)

Guimarães Rosa consegue, nesse conto, manter no leitor uma sensação de dúvida, a começar pelo fato do protagonista ter uma cor praticamente impossível a uma pessoa. Sua chegada e os acontecimentos que surgem ao longo da narrativa na sua presença também corroboram com essa incerteza sobre o que é plausível no mundo real ou o que é, de fato, insólito.

Além disso, o conto também apresenta muitos elementos simbólicos representados no texto através da linguagem, dentre eles estão o contraste das cores, das personagens, bem como referências ligadas ao mito cristão ortodoxo.

A história inicia-se com a descrição exata da data e do lugar onde sucedeu o acontecimento que marcará o início do conto e será de fundamental importância para as mudanças que se desenrolarão na trama. Trata-se de um terremoto seguido de um temporal que destruiu grande parte da cidade.

Apesar de ser um acontecimento em princípio fictício, a especificidade da data e local corrobora para uma leitura verossímil do ocorrido. Além disso, os fatos narrados foram “referidos nas folhas da época e exarados nas Efemérides” (p. 99) de um local real, ou seja, Guimarães Rosa se utiliza do real como artifício para assegurar e atestar que os fatos realmente ocorreram, dando maior plausibilidade à narrativa. Vale ressaltar que “a ficção, por mais “inventada” que seja a *estória*, terá sempre, e necessariamente, uma vinculação com o real empírico, vivido, o real da *história*. O enredo mais delirante, surreal, metafórico estará dentro da realidade [...]” (MESQUITA, 1986, p. 14).

Os indícios de que o conto apresenta um elemento fantástico já podem ser notados a partir do primeiro parágrafo, quando o autor anuncia que na região “deram-se fatos de pavoroso suceder” (p. 99). Foi, então, na noite de 11 de novembro de 1872 que o fenômeno climático aconteceu:

Dito que um fenômeno luminoso se projetou no espaço, seguido de estrondos, e a terra se abalou, num terremoto que sacudiu os altos, quebrou e entulhou casas, remexeu vales, matou gente sem conta; caiu outrossim medonho temporal, com assombrosa e jamais vista inundação, subindo as águas de rio e córregos a 60 palmos de plana (p. 99)

Podemos notar que Guimarães utiliza, como recurso linguístico, um sujeito indeterminado para narrar o que ocorreu neste dia. Não obstante, se introduz na narrativa o primeiro elemento insólito: um evento luminoso no espaço que provoca um terremoto na região de Serro Frio, em Minas Gerais. Entretanto, as principais causas de um terremoto são falhas geológicas, vulcanismos e encontro de placas tectônicas, nada que tenha relação com o firmamento¹. Além do mais, abalos sísmicos já foram detectados em algumas regiões do Brasil, todavia nenhum de enorme magnitude, como o descrito no conto, capaz de provocar consequências tão devastadoras.

Ainda sobre a construção da narrativa, Guimarães Rosa não utiliza a 1ª pessoa do singular, como é frequente no fantástico, mas um narrador que não presenciou temporalmente os fatos e que carrega características da narrativa oral: “Seja que da maneira ainda hoje se

¹ Acesso em <http://www.brasilecola.com/brasil/terremotos-no-brasil.htm>

conta, mas transtornado incerto, pelo decorrer do tempo, porquanto narrado por filhos ou netos dos que eram rapazes, quer ver que meninos, quando em boa hora o conheceram” (ROSA, 1975, p. 100).

Como primeira consequência dos cataclismos, a mudança já podia ser notada: “confirmou-se que o terreno, em raio de légua, mudara de feições” (p. 99). Esse evento marca, então, um processo de transformação que parte primeiramente do ambiente, no qual a devastação foi extremamente intensa, deixando irreconhecível a paisagem local, além de vitimar, soterradas ou afogadas, os que estavam nos arredores.

Era dia de São Félix quando apareceu na Fazenda do Casco, de propriedade de Hilário Cordeiro, um moço “de distintas formas, mas em lástima de condições” (ROSA, 1975, p. 99). São Félix foi o primeiro capuchinho canonizado pela igreja católica. Pobre e analfabeto, sua vida foi marcada pela simplicidade e devoção. Vale ressaltar que 11 de novembro, dia dos eventos cataclísmicos, é considerado no calendário cristão-ortodoxo o dia de São Martinho de Tours. Este santo foi batizado e ajudado pelo Bispo Hilário para seguir nos votos cristãos, tornando-se monge, diácono e sacerdote. Ora, é na fazenda de Hilário Cordeiro que o moço consegue o primeiro apoio:

Hilário Cordeiro, sendo homem cordial para os pobres, temente e bom, e mais ainda nesse pós-tempo de calamidade, em que parentes dele mesmo tinham sofrido morte e arrastos totais, não duvidou em lhe deferir hospedamento, cuidando de adequar-lhe roupa e botinas, desde lhe dar o de comer. (p. 100)

Consoante a essa analogia dos santos com as personagens, o sobrenome de Hilário também nos remete à religião. Os cordeiros eram comumente utilizados como sacrifícios pelos hebreus para remissão dos pecados. Jesus Cristo também foi chamado de cordeiro por ser o maior sacrifício de Deus na terra.

Também a fazenda, na qual o moço apareceu, estava situada próxima à rua do Arraial do Oratório, onde podemos entender arraial como o lugar onde se reúnem os romeiros e oratório como um adoratório, ou seja, um lugar designado ao culto e à oração. Ele estava enrolado apenas em um pano, como a manta de cobrir os cavalos. Esse detalhe também pode ser associado ao famoso episódio do manto de São Martinho. Conta-se que um mendigo foi pedir-lhe esmolas, como não tinha nenhum bem material consigo além da roupa que vestia, Martinho cortou com a espada um pedaço de seu manto e entregou ao mendigo. Na mesma noite, Jesus apareceu-lhe em sonho agradecendo pelo gesto tão nobre de tê-lo aquecido.

Era manhã quando o moço foi avistado. Acanhado, aparecia e se escondia atrás do cercado de vacas. Esse contraste da noite (fenômeno luminoso com consequências catastróficas) e manhã (aparição de um jovem) é um tema recorrente na literatura fantástica. Podemos dizer que linguagem da noite refere-se ao inconsciente e a linguagem do dia à racionalidade (LE GUIN, 1979 apud CESERANI, p. 77 – 78). No caso do conto de Guimarães Rosa, percebemos várias contraposições entre claro e escuro, dia e noite, sol e escuridão, referências cromáticas que aparecem comumente na narrativa Roseana.

Fazendo jus ao título, a criatura chamou atenção não apenas por estar malvestido, mas por ser de uma cor nunca vista pelos moradores da região:

Tão branco; mas não branquicelo, senão que de um branco leve, semi dourado de luz; figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade. Sobremodo se assemelhava a esses estrangeiros que a gente não depara nem nunca viu; fazia para si outra raça. (p. 99)

A descrição do moço é bastante poética e rica em imagens claras, luminosas e douradas. Ele é comparado aos estrangeiros dos quais a população local nunca teve contato. Érico Veríssimo, em *O tempo e o vento*, também descreve com bastante perplexidade a reação dos habitantes de Santa Fé com a chegada dos primeiros imigrantes alemães: “Muitos dos santafezences nunca tinham visto em toda a sua vida uma pessoa loura e aquela coleção de caras brancas, cabeleiras ruivas e douradas, olhos azuis, esverdeados e cinzentos [...]” (p. 270); logo, não demorou muito para que os novos habitantes virassem o principal assunto do município. Entretanto, Rosa deixa claro que o habitante recém-chegado não tem um tom de pelo normal, trata-se de um ser que manifesta certa iluminação.

O aparecimento de um ser estranho no conto de Guimarães Rosa é, ainda, um sistema temático recorrente na literatura fantástica. De acordo com Ceserani (2006),

A cena da aparição repentina e inesperada de um estrangeiro no espaço doméstico de uma casa é quase um estereótipo, presente na psicologia e no imaginário cultural das comunidades humanas antes ainda que nos textos literários, artísticos ou cinematográficos, fortemente implicado (e por isso rígido) nos processos de construção da identidade dos povos, das comunidades étnicas e nacionais. (p. 84)

A figura do indivíduo que aparece inesperadamente na trama provoca perplexidade e inquietação. Normalmente, esse personagem provoca alguma transformação ou gera desequilíbrio na narrativa, seja ele um vampiro, um fantasma ou um monstro. No conto de Guimarães, é esse moço o responsável pelas transformações que ocorrem ao longo do texto.

Para tornar o caso ainda mais estranho, o moço tinha perdido totalmente a memória, não se lembrava de onde tinha vindo e nem do seu próprio nome. Não quiseram lhe dar outro nome, deduzindo que ele já teria um. Concluiu-se que ele seria “filho de nenhum homem” (ROSA, 1975, p.100).

Apesar disso, os moradores da região gostaram dele. Principalmente o preto José Kakende, ex-escravo. O moço cria logo forte estima pelo negro. José Kakende faz parte de um grupo marginalizado pela sociedade, ainda mais quando o descrevem como uma pessoa “de ideia conturbada” (ROSA, 1975, p. 100). O moço, por sua vez, também parece estar deslocado, um estrangeiro em terra estranha. Notamos, então, a dicotomia entre branco (o moço) e preto (Kakende). É justamente o negro, personagem sem nenhuma credibilidade na história, quem afirma ter avistado algo incomum às vésperas da catástrofe. Suas advertências e avisos sobre a aparição que presenciou nas margens do rio do Peixe são, por conseguinte, consideradas sandices.

Em carta escrita pelo padre da região ao cônego Lessa Cadaval, são relatados os “despautérios” que José Kakende afirmou ter visto na beira do rio. Note-se que a descrição da visão é recheada de elementos cromáticos:

... “o rojo de vento e grandeza de nuvem, em esplendor, e nela, entre fogo, se movendo uma artimanha amarelo-escuro, avoante trem, chato e redondo, com redoma de vidro sobreposta, azulosa, e que, pousando, de dentro, desceram os arcanjos, mediante rosas, labaredas e rumores” (p. 101)

Segundo Ceserani (2006), a loucura também é um sistema temático recorrente no fantástico e está “ligado aos problemas mentais da percepção. [...] o tema do louco se liga àquele do autômato, da *persona* dividida, e também àquele do visionário, do conhecedor de monstros e fantasmas.” (p. 83). A figura do negro José Kakende estabelece essa incerteza no conto, tendo em vista que ele, único a presenciar essa cena que antecedeu o terremoto e o temporal, tem sua sanidade contestada.

A carta escrita “de punho e firma, para testemunho do esquisito” (p. 101) pelo padre Bayão relatando a visão de José Kakende também pode ser considerado um elemento recorrente no fantástico, já que reforça a plausibilidade do acontecimento. Além do mais, trata-se de uma figura respeitável na cidade que, apesar de não crer nas divagações do negro, não as trata com banalidade.

Dentre os personagens do conto, o único que não se engraçou com o moço foi um tal de Duarte Dias, pai de Viviana, a moça mais bonita da região. Ele é descrito com um “homem

de gênio forte, além de maligno e injusto, sobre prepotências: naquele coração não caía nunca uma chuvinha”. (p. 100 – 101). De acordo com Pinheiro (2011), a aliteração em *d* no nome desse personagem já foi constatada em outro conto de Guimarães Rosa, “Os irmãos Dagobé”, que também eram pessoas de má índole: Damastor, Doricão, Dismundo e Derval. Segundo ele, essa aliteração pode ser vista como uma associação a “demo”, “demônio” e “diabo”.

Mais uma vez adentrando no âmbito religioso, decidiram levar o moço à missa. Ele portou-se indiferente, não fazendo “modos de crer, nem increr” (p. 101). O trecho dedicado à descrição desse momento é de bastante poeticidade:

Cantoria e músicas do coro, escutasse, no sério sentimental. Triste, dito, não; mas: como se conseguisse, em si, mais saudade que as demais pessoas, saudade inteirada, a salvo do entendimento, e que por tanto se apurava numa maior alegria – coração de cão com dono. Seu sorriso às vezes parava, referido a outro lugar, outro tempo. Sorrindo mais com o rosto, senão com os olhos [...] (p. 101).

Na saída da igreja, o moço encontrou, cena bastante comum, um cego a pedir esmolas. O moço observou-o demasiadamente e, mais uma vez, a narrativa confirma a forte presença da oralidade: “contam que seus olhos eram cor-de-rosa!” (ROSA, 1975, p. 101). Os elementos cromáticos também podem ser percebidos nesse momento, quando o próprio narrador comenta o contraste de um cego estar de baixo do sol, sob o “calor do astro-rei” sem poder perceber a beleza da luz.

O moço foi em direção ao cego, que se chamava Nicolau, e deu-lhe uma partícula retirada da algibeira. O cego apalpou-a, percebeu que não era uma moeda e foi logo levando o objeto à boca, quando o seu menino guia o advertiu que aquilo não seria algo de comer, mas uma espécie de semente. O cego a guardou por vários meses e, apesar dela só ser plantada após os fatos ainda serem narrados, o narrador antecipa o que dela nasceu:

[...] e deu um azulado pé-de-flor, da mais rara e inesperada: com entreaspecto de serem várias flores numa única entremeadas de maneira impossível, num primor confuso, e, as cores, ninguém a respeito delas concordou, por desconhecidas no século; definhada, com pouco e secada, sem produzir outras sementes nem mudas, e nem os insetos a sabiam procurar. (p. 102)

A flor que nasceu do pé dava a impressão de serem várias, como se fosse um objeto impossível de existir em um plano real. Mas ela estava lá, fraca, seca e estéril, pois era única. Assim como o pé dessa flor era azulada, também dessa cor era descrita a “redoma de vidro

sobreposta” da visão de José Kakende, da qual desceram os arcanjos envoltos em labaredas. A cor azul, nesse caso, pode representar, além do céu, paz e serenidade.

A inusitada flor que nasceu da semente doada pelo moço ao pedinte pode ser tomada, enquanto consideramos o conto um relato fantástico, como um objeto mediador. Segundo Ceserani (2006), esse tipo de objeto aparece para testemunhar a presença do irreal, do insólito na narrativa. É como uma prova cabal de que algo diferente da nossa realidade se instaurou na trama. Lugnani (apud CESERANI) define como funciona esse tipo de objeto:

É preciso pensar que o objeto mediador desempenha a sua função específica dentro do conto fantástico pelo fato de que se trata de um conto em que há *um desnivelamento de planos de realidade*, o qual *não está previsto* pelo código e *por isso vem marcado* por um forte efeito de limite, e no qual *o objeto mediador atesta uma verdade equívoca* porque inexplicável e *inacreditável*, posto que *inepta*. (p. 74)

Nota-se, portanto, que a rosa não é meramente um objeto comum, mas está ali para atestar algo inexplicável. Agindo como um ponto de desequilíbrio da realidade, não deixa dúvidas de que houve a introdução do elemento insólito na narrativa.

Após a cena que envolveu o cego Nicolau, Duarte Dias apareceu no adro com uma proposta que muito causou surpresa: queria carregar consigo o moço, alegando que, pela cor de sua pele, tão clara, ele possivelmente seria algum parente seu desaparecido no terremoto na região do Condado, e que, até alguém ter alguma notícia concreta, lhe competia a guarda do moço. Obviamente, Hilário Cordeiro, aquele que o acolhera desde o aparecimento, não mostrou nenhum agrado com a proposta. A discussão pela disputa do moço quase virou coisa séria, salvo pelo parecer de Quincas Mendanha, político e “provedor da irmandade” (p. 102).

Então houve a primeira transformação com algum personagem na narrativa após os eventos cataclísmicos. Melhor razão teve Hilário Cordeiro ao confirmar a guarda do moço, pois tudo na sua vida passou a prosperar: a paz no lar, a saúde, os negócios... Mas em nada interferia aparentemente o moço, pelo contrário, ele estava sempre aéreo, parecendo estar enfeitado. Sua única e estranha memória era “olhar ele sempre para cima, o mesmo para o dia que para noite – espiador de estrelas.” (p. 103).

O fato de o moço gostar de olhar sempre pra cima nos remete tanto às circunstâncias que antecederam o terremoto (o fenômeno luminoso no céu), quanto à descrição de José Kakende, cuja visão tinha por espaço o céu. Além do mais, outro contraste pode ser percebido nesse trecho: a relação dia/noite. Essa saudade de algo desconhecido sentida pelo moço,

relatada anteriormente na narrativa, causa um sentimento de hesitação no leitor, que passa a se indagar se ele teria vindo mesmo do espaço.

Outro divertimento do rapaz era acender fogueiras, influenciado diretamente pela tradição das festas de São João. Mais uma vez, a religiosidade marca presença no conto. Tanto as estrelas, quanto as fogueiras sugerem algo iluminado, radiante. Esse contraste entre luz e escuridão, sol e lua, dia e noite perpassa toda a narrativa.

Deu-se, então, o caso de Viviana; corroborando com o aspecto da oralidade, “sempre mal contado”. (p. 103). Viviana era, como anunciado anteriormente, uma das moças mais bonitas da região; entretanto, não era feliz. Contam que o moço estava acompanhado com José Kakende quando deu com ela. Aproximou-se e, delicadamente, colocou a mão em seu seio. O pai de Viviana, Duarte Dias, que assistia a tudo, logo protestou e bradou que o moço infamara sua filha e agora teria que casar. O moço ouvia a tudo indiferente, como se não entendesse o motivo de tamanha balbúrdia por um gesto tão simples. Duarte Dias só se acalmou quando o padre Bayão e outros dois senhores rejeitaram tão compromisso, que não seria caso para tanto.

Eis que ocorre a segunda transformação de personagem. Viviana, que assistia a toda a confusão com um sorriso no rosto, serenava o rapaz: “a partir dessa hora, despertou em si um enfim de alegria, para todo o restante de sua vida, donde um dom” (ROSA, 1975, p. 103). Diferentemente da transformação material de Hilário Cordeiro, Viviana teve a sua personalidade modificada. Da moça que não se divertia como as outras, ela transformou-se em criatura alegre constantemente. Nesse momento, também o narrador antecipa que outra modificação maior e mais importante acontecerá na vida de outro personagem: “Duarte Dias – o que não se entende – ia produzir ainda outros lances de estupefação” (p. 103)

No dia 5 de agosto, dia da missa da Dedicção de Nossa Senhora das Neves e também, não por acaso, dia da vigília da Transfiguração, as coisas começam a tomar um novo rumo. Por transfiguração, podemos entender o ato ou efeito de transfigurar(-se), ou seja, pode ser uma mudança na aparência, no caráter ou na forma. Justamente nesse dia, para surpresa de todos, Duarte Dias voltou à Fazenda do Casco pedindo para falar com Hilário Cordeiro. Do contrário de como tinham sido as outras aparições de Duarte Dias no conto, dessa vez ele não veio fazer nenhuma exigência, mas um pedido:

[...] suplicava deixassem-no levar o moço, para sua casa. Que queria assim, e necessitava, muito, não por ambicionheiro ou impostor, nem por interesse somenos, mas por a ele ter cobrado, com contrição de escrúpulo, a fortíssima estima de afeição! (p. 103)

Dizendo isso, as lágrimas corriam-lhe sobre o rosto. O motivo da água aparece três vezes até então no conto: na inundação, cuja consequência é desoladora; na passagem em que se comenta o caráter de Duarte Dias, quando se afirma que “naquele coração não caía nunca uma chuvinha” (p. 101); e agora, quando o mesmo Duarte Dias não se utiliza de violência para manifestar o amor ao moço, mas chora copiosamente ao pedir que este venha morar consigo. Nesses dois últimos motivos, notamos uma representação da mudança do estado de espírito da personagem, que tinha um coração seco e duro, para uma pessoa com sentimentos mais serenos, que se deixa regar pelas próprias lágrimas.

Mais uma vez, o moço, agora descrito sendo “claro como o olho do sol” (p. 103) está em companhia do negro Kakende, realçando novamente a dicotomia entre branco e negro no conto. Dessa vez, porém, Duarte Dias também é conduzido pelo moço aos campos, que seriam de propriedade daquele. Lá chegando, o moço indicou um local onde deveria ser cavado e ali encontraram “uma grupiara de diamantes; ou um painelão de dinheiro, segunda diversa tradição” (p. 104). Quanto ao aspecto da narrativa, o narrador não chega nunca a afirmar que está recontando uma história que ouviu, mas dá sempre indícios de que é através da tradição oral que essa história foi sendo recontada, tendo alguns pormenores modificados, mas, no fim, contendo a mesma essência.

Depois desse episódio, percebe-se a maior transformação de um personagem no conto, que é a de Duarte Dias. Ele, de fato, mudou completamente. Transformou-se, então, “em homem sucinto, virtuoso e bondoso, suspensamente, consoante o asseverar sobremaravilhado dos coevos” (p. 104).

Então, assim como o moço apareceu e o narrador fez questão de afirmar que era numa manhã do dia de São Félix, também de manhã, mas agora no dia de Santa Brígida, o moço desapareceu. O motivo da manhã sugere oposição ao da noite, em que ocorreu o terremoto.

“Disse-se”, e outra vez temos a partícula que indetermina o sujeito no discurso, que ele desapareceu pelos altos na paragem, num tempo de trovoadas secas. Novamente, o único a testemunhar o caso foi o José Kakende. Ele conta que, na véspera, o moço pediu sua ajuda para acender nove fogueiras. Com o raiar do sol, o moço ganhou asas e partiu, como um anjo.

O conto nos deixa a impressão de que, assim como se espera dos anjos, o moço teve sua função na terra e, depois disso, não havendo mais nenhum trabalho a ser feito, ele parte tendo sua missão cumprida.

O episódio marcou tanto os moradores da comarca de Serro Frio que eles passaram a desconfiar efetivamente das coisas reais: “Duvidavam dos ares e montes; da solidez da terra” (ROSA, 1975, p. 104). Houve um desequilíbrio na percepção da realidade em virtude dos

eventos insólitos que ocorreram na trama. Num tempo cronológico, eles ainda não sabiam até então que da semente dada ao cego Nicolau pelo moço nasceria uma flor ainda mais digna de dúvida entre o que seria possível ou irreal.

As transformações das personagens se confirmaram efetivamente ao fim do conto. Duarte Dias, que tomou bastante afeição pelo moço, morreu de dó com a sua ausência; Viviana conservou-se alegre. José Kakende, na falta do amigo, estabeleceu amizade com o cego Nicolau. Hilário Cordeiro, bem como todos que conheceram o moço, sentia intensa saudade só de pensar nele, que “cintilava ausente” (p. 104), ou seja, sua luminosidade permaneceu mesmo com a sua partida.

O conto de Guimarães Rosa tem como um dos principais elementos a transfiguração dos seus personagens através da presença do moço, cuja mudança ocorreu de acordo com as necessidades de cada um. Hilário Cordeiro, por exemplo, já era uma pessoa pacífica, seu caráter não precisou ser modificado, mas, pela sua generosidade, foi recompensado com o prosperar dos negócios. Viviana, pessoa triste, embora bela, teve a alegria reconstituída ao espírito. Duarte Dias foi quem mais se transfigurou, tornando-se pessoa simples e bondosa. O motivo da mudança foi, então, totalmente revertido em algo positivo através do conto, que se iniciou com uma enorme tragédia dizimando boa parte da população local e que modificou terrivelmente a paisagem da comarca: “o terreno, em raio de légua, mudara de feições: só escombros de morros, grotas escancaradas, riachos longe transportados, matos revirados pelas raízes, solevados novos montes e rochedos, fazendas sovertidas [...]”. No fim, o bem prevaleceu e as mudanças se mostraram sempre favoráveis aos personagens da trama.

3 UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM O CONTO DE GUIMARÃES EM SALA DE AULA

Após a análise de alguns elementos no conto de Guimarães Rosa, pretendemos, a partir de então, oferecer uma possibilidade de trabalho com o mesmo em sala de aula. Nossa proposta não é a de uma receita ideal e inalterável, mas um a sugestão que pode ser adequada de acordo com as necessidades dos alunos, cabe ao professor perceber as especificidades da turma e providenciar as necessárias mudanças.

O conto pode ser trabalhado nas séries do ensino médio. Estimamos cerca de 5 aulas para um trabalho mais completo do conteúdo. Dentre os objetivos, buscamos a) estimular o gosto pela leitura; b) desenvolver a competência leitora; c) promover o desenvolvimento da

sensibilidade, da imaginação e do senso crítico; d) compreender as particularidades do gênero fantástico; e e) estimular a produção de contos fantásticos.

No primeiro encontro, o professor deverá iniciar o envolvimento da turma com o universo fantástico. Isso se dará através da leitura oral ou dramatização de uma história que contenha elementos insólitos. Partindo da tradição oral, são muitas as histórias que podem ser resgatadas nesse encontro, ou até mesmo “inventadas” para o momento. Conseqüentemente, prevemos que os alunos espontaneamente queiram narrar histórias de cunho fantástico, mesmo não as reconhecendo enquanto gênero. Esse processo de compartilhamento das histórias é bastante importante, pois valoriza o conhecimento de mundo dos próprios alunos. Deve-se, ainda, mostrar a importância da entonação, dos gestos entre outros elementos na interpretação da história, que deve manter um clima de tensão e hesitação nos ouvintes.

Apenas no segundo encontro será levado para a turma o conto de Guimarães Rosa. Após a distribuição das cópias, o professor deve promover a leitura compartilhada da obra, permitindo comentários ou questionamento dos alunos quando necessário. No término da leitura do conto, abre-se espaço para debate da obra em geral. Deve-se incitar os alunos para que eles discutam o que lhes chamou atenção no conto, o que gostaram ou não e os motivos. Espera-se que nesse momento seja explorada a linguagem de Guimarães Rosa, como os neologismos, os contrastes cromáticos e as referências religiosas. Nesse sentido, reafirmamos a importância que a escola tem no ensino da literatura, pois é muito valioso o compartilhamento de informações a fim de que os alunos possam aumentar seu horizonte de expectativa, posto que os sentidos serão completados na medida em que professores e alunos compartilhem suas ideias. Não é possível, portanto, afirmar quais elementos do conto chamarão mais a atenção dos alunos, pois, assim como discute a *estética da recepção*, a leitura será conduzida de acordo com a experiência pessoal de cada um.

No terceiro encontro, com base nas discussões anteriores do conto “Um moço muito branco” e também das histórias narradas oralmente pela turma no primeiro encontro, espera-se que os alunos já tenham percebido alguns elementos do gênero fantástico, como o foco narrativo, as referências factuais, o comprometimento da plausibilidade e a hesitação. Levando em consideração esses elementos, é chegada a hora de propor à turma a criação de uma narrativa fantástica. Eles podem fazer uma releitura do conto de Guimarães Rosa ou de alguma história que já conheçam; ou inventar uma nova narrativa.

Em se tratando de produção textual, destacamos a importância do processo de reescritura dos contos escritos pelos alunos. O professor pode sugerir mudanças quando julgar necessário. No quarto encontro, então, sugerimos que a turma seja dividida em duplas para

que eles próprios possam trocar ideias e discutir suas histórias. No final, para que os contos escritos adquiram sua função enquanto gênero, pode-se fazer uma coletânea com os melhores contos e distribuir na escola ou expor em mural.

Colomer (2007) afirma que ler e escrever são atividades interligadas que funcionam como aprimoramento na aquisição da competência leitora. Contudo, sabemos que os alunos quando vivenciam a experiência literária em sala de aula leem mais do que escrevem. A autora pontua:

[...] se ler literatura serve para aprender a ler em geral, escrever literatura também serve para dominar a expressão do discurso escrito; concretamente, escrever literatura – contos, poemas, narrativas feitos individual ou coletivamente – permite que as crianças compreendam e apreciem mais, tanto a estrutura ou a força expressiva de seus próprios textos, como a dos textos lidos. (COLOMER, 2007, p. 162)

É nesse sentido que apoiamos nossa proposta de aula: na escrita do texto literário com base na literatura fantástica, gênero ainda não muito explorado em sala de aula atualmente. Não será preciso teorizá-lo propriamente, mas, muito provavelmente, algumas de suas características ficarão bem definidas para a turma, principalmente depois que eles tiverem a oportunidade de relatar por escrito alguma experiência ouvida ou inventada.

A leitura do texto literário, enfim, faz com que o leitor assimile as chaves metafóricas, o direcionando para uma mudança subjetiva, para uma verdade que está além dos fatos. Diferentemente de um texto informativo, cuja leitura é restritiva e imediata, o texto literário é plurissignificativo, ou seja, permite diversas leituras. No caso do gênero literário fantástico, muitas tentativas de desfazer a hesitação podem ser colocadas, mas, se o leitor partir essencialmente do texto, verá que o insólito e o real não conseguem se desvencilhar nesse gênero.

4 REFERÊNCIAS

CESERANI, Remo. *O fantástico*. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo: Ática, 1986.

PINHEIRO, Valter Cesar. *Luzes na comarca* - uma leitura de “Um moço muito branco”, de Guimarães Rosa. Revista Litteris. N. 7. Março. 2011.

ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1975.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975. (Debates, 98). p. 29-63